

CIGANO DE LISBOA
PEÇA RÁPIDA PARA UM ACTOR

Armando Nascimento Rosa

NOTA PREAMBULAR DO AUTOR

CIGANO DE LISBOA: DRAMA E COMPAIXÃO EM PEÇA DE
FORMATO BREVE

Cigano de Lisboa é uma peça breve, escrita para ser produzida no Teatro Rápido, espaço cénico de Lisboa, localizado no coração do Chiado, dividido em quatro pequenas salas de espectáculos. O Teatro Rápido aplica e desenvolve o conceito de experiências teatrais com a duração de quinze minutos apenas, apresentadas em sessões múltiplas diárias, o que permite ao espectador poder assistir em sequência, com curtos intervalos, a cada uma das quatro propostas performativas que as salas mantém em cena durante o espaço temporal de um mês.

Cigano de Lisboa foi apresentado durante o mês de Agosto de 2013 na sala 1 do Teatro Rápido, resultante de um desafio que me foi feito pelo jovem actor Diogo Tavares (meu recente ex-aluno da licenciatura em Teatro, ramo de Formação de Actores, na Escola Superior de Teatro e Cinema), que desejava interpretar um texto de monólogo que eu

escrevesse para ele, com vista a ser encenado por Alexandre Tavares, outro jovem recém-licenciado (neste caso pela Escola Superior de Tecnologia e Artes de Lisboa).

Pensei de imediato numa situação dramática urbana que trouxesse consigo, para a presença daquele espaço de teatro íntimo, a precariedade das condições de vida nos dias que habitamos. Um «avô» que talvez o não seja (mas isso será o menos relevante) que pretende ajudar um «neto» sem tecto fixo e que sonha ser romancista. Um «cigano» que o não é a não ser na imagem que este «avô» nele projectou, chamando-lhe uma alcunha que se lhe colou à pele, de modo que nem o seu nome próprio saberemos. A «herança» perturbadora que este «cigano» recebe do «avô» sob a forma de carta convoca-nos a uma emotiva reflexão sobre uma sociedade que ostraciza os seus mais jovens elementos, em vez de beneficiar daquilo que eles efectiva e potencialmente transportam para o futuro individual e colectivo.

Drama e compaixão são dois tópicos de sentido que a narrativa cénica de *Cigano de Lisboa* explicitamente exponencia, e daí a pertinência em ver-se o texto pela primeira vez publicado integralmente no presente volume. O núcleo da acção inspirou-se muito livremente em ocorrências verídicas análogas (no país e no estrangeiro) divulgadas pelos *media*, e que inclusive uma delas surge citada no interior do texto: o duplo ocultamento de óbito e de cadáver de idoso, para que os descendentes sobrevividos possam continuar a receber a reforma ou a pensão como se ele ou ela não houvessem falecido.

Em *Cigano de Lisboa*, a peculiaridade da situação dramática consiste no facto de este ocultamento ter sido previsto, planeado e solicitado pelo próprio idoso antes da sua morte. O espectador é agora implicado

numa «cerimónia profana» à memória desse avô cremado (e por isso recebe-se uma saqueta com cinzas, das mãos da personagem que o actor cria diante de nós), conduzida pelo «cigano» seu neto. O drama que o jovem protagoniza é um poderoso agente de «pathos» partilhado, ou seja, de compaixão. E a impossibilidade do «cigano» em cumprir o pedido do avô, expresso na incapacidade em prosseguir a criação escrita do seu romance, enquanto coabite com o ocultamento do corpo do avô, na arca frigorífica, acentua sobremaneira a projecção identificativa de cada um de nós, espectadores, que se traduzirá na experiência da compaixão. *Cigano de Lisboa* é também o gesto catártico daquele jovem que, através da ritualidade liberadora do teatro, nos convida a conhecer o seu drama pessoal, fazendo-nos seus próximos, seus cúmplices, seus simbólicos parceiros de jornada.

Lisboa, Fevereiro de 2014

Chamaram-me um dia
Cigano e maltês
Menino, não és boa rês

José Afonso, «Chamaram-me cigano», 1968

Cigano de Lisboa estreou na sala 1 do Teatro Rápido, em Lisboa, a 1 de Agosto de 2013, estando em cena até 31 do mesmo mês, com encenação e espaço cénico de Alexandre Tavares e interpretação de Diogo Tavares.

Quando os espectadores chegam, aquele que é chamado de Cigano de Lisboa encontra-se a distribuir um pó cinzento por saquinhos que vai selando um a um.

– Já chegaram todos?

E fecharam a porta?

Isto é uma coisa privada, uma cerimónia séria.

Não quero ser distraído por intrusos, desses que aparecem depois de começar.

Quantos somos hoje? (*Conta os espectadores.*)

Não há problema. Tenho saquinhos que cheguem para todos.

Não é droga, não. Não é um pó ilícito.

(*Atende um telefone ou intercomunicador.*)

Sim! Está bem. Mas agora já não entra.

Pois. Mas nem que fosse a rainha do Mónaco. Não vou interromper a sessão.

As pessoas têm relógio. Eu também cumpro horários. Cada segundo conta para mim. E quando os somar todos vou para a rua outra vez.

Se quiser, que espere até à próxima sessão, se a houver.

(*Termina a conversa.*)

Isto não é um gesto de desprezo pelas pessoas que decidem vir aqui, ao meu cubículo. Pessoas como vocês.

Não, mas este cubículo não me pertence. É meu durante um mês. Estou de passagem. Estamos todos. Mas se autorizo a entrada de visitantes a todas as horas, isto deixa de poder fazer-se.

Tenho de estar sempre a voltar ao princípio, a explicar as coisas uma e outra vez. Uma maçada.

Ninguém aguenta.

E o segredo é aguentar, e não perder a esperança.

Vou entregar um saquinho destes a cada um de vocês. (*Distribui e fala.*)

Agradeço que não tentem ingerir nem inalar.

Mas não se assustem. Não se trata de veneno moído. E também não é nada explosivo. A combustão já se deu antes.

Dizer isto é dizer quase tudo.

Estamos juntos aqui numa homenagem.

Um ritual profano.

A uma pessoa que me era muito querida.

O meu avô era assim. Só apreciava as liturgias profanas, os ritos inventados no momento.

– Reúne um *flash mob* – dizia ele – em memória de mim.

– Um *flash mob*? Tem a certeza?

– Sim, um *flash mob*. Sou um avô contemporâneo. Não quero missas nem ladainhas a cheirar a mofo. Convocas um *flash mob* num lugar da cidade, para gente desconhecida. Só quero ser lembrado pelos estranhos.

– O avô era muito especial.

Chamava-me cigano, cigano de Lisboa.

– Mas eu não sou cigano, nem nasci em Lisboa.

– Não interessa, tens cara de cigano e andas por Lisboa assim, sem piso certo. Acampas na casa de quem calha. Não gosto de te ver feito vadio.

– E o avô tem solução para a minha vida?

– Tenho sim, cigano. Vens viver comigo, em minha casa.

– Viver com o avô?

– Sim. Tu já passas tanto tempo aqui. Não vais sentir diferença. Continuas a ter a tua liberdade. Um cigano é um cigano. Tens aqui a tenda já montada.

– Não valia a pena dizer que não. Nada o faria mudar de ideias. E depois dava-me jeito. Não tinha papel para alugar um quarto. Ou pagava uma renda e comia do lixo, ou vivia na rua e podia ir ao supermercado. Era melhor aceitar a oferta do avô.

Uns forros aproveitados na Praça da Figueira. Há sítios em que a gente não pode pôr-se em pé. Damos cabeçadas no tecto inclinado. E subir as escadas até lá é uma proeza. Então com peso nas mãos nem vos digo nada. Como é que o velho conseguia viver ali há tantos anos? Eu sei que foi bailarino noutros tempos, mas os ossos enferrujam com a idade. O diabo das artroses.

As coisas não estavam famosas. Não estão para ninguém. Muito menos para mim.

Tenho uma veia artística. É o que me perde.

Fazer de homem-estátua ali no meio da Rua Augusta. As moedas mal dão para uma bucha.

Isto foi há sete meses.

Quem podia adivinhar que o avô estava nas últimas?

– Ainda bem que vieram. Ele há-de estar feliz por terem vindo hoje, se estiver nalgum lugar e puder ver-nos.

O avô dizia-me:

– Os sacanas cortaram na minha pensão, mas mesmo assim dá para te ajudar nas despesas e na renda desta casa. O que vale aos jovens que ficam no país são os velhos que recebem uma reforma de jeito. A minha não é pensão de juiz do supremo mas também não é das mais miseráveis.

Vou ser o teu mecenas, cigano!

– Estava com sorte, pensei eu.

Agradei a generosidade do avô. Eu tenho jeito para a escrita. Iria finalmente escrever o romance que tinha na cabeça. E depois concorria aos prémios que para aí há. O da Leya, o do Círculo de Leitores, o da SPA... Os romances dão dinheiro e há prémios para eles. É a única escrita de arte que equilibra as finanças. Mas primeiro é preciso tempo para produzir a obra. E agora o avô ia investir em mim.

Fiquei radiante nesse dia e durante o mês seguinte.

Mas o plano depressa deu para o torto.

A sorte passou-me a rasteira.

As saquetas que vos dei já dizem tudo. Não as abram porque eu preciso delas para a próxima sessão.

Cheguei a casa um dia e dou com o avô estendido no soalho. Sangrava do nariz e ainda falava.

– Vai correr tudo bem, avô, eu chamo o 112. São as malditas escadas que o puseram neste estado. Uns dias no hospital e sai de lá novinho em folha.

– Não, cigano, tu não chamas ninguém. Rebentou-me uma artéria na cabeça. Senti a dor aguda. Já só vejo névoas.

– Pois, mas o avô ainda fala. Isso não pode estar tão mal assim.

– Cigano, larga o telefone e lê em voz alta a folha que aí está! Vais fazer o que eu te peço, ouviste? Lê o papel e deixa-me repousar!

O avô tinha escrito uma carta para mim com um estranho desejo.

Pus-me a ler e a voz do avô calou-se para sempre.

(Cigano lê a carta do avô.)

– Cigano

Se estiveres a ler isto é porque eu já estou a dar o berro. Mas algum dia iria acontecer. Não me culpes por isso. Eu julguei que me aguentava mais tempo, mas a vida é uma vigarista. Quando a gente acha que está a melhorar, apaga-se de repente. Faltam pilhas na lanterna avariada. E pronto, acabou-se. Mas eu quero que escrevas o teu romance. E há-de ser premiado. Tu não desistas. Eu sei que a minha morte não te convém nada agora. Tu precisas do dinheiro da minha reforma para te poderes dedicar à escrita. Morrer o mecenas no primeiro capítulo não estava no programa. Mas olha, é por isso que eu não quero que tu me levas para o hospital, nem para lado nenhum.

Para a vizinhança eu irei continuar vivo. Pões o cd do Mahler que eu toco alto todas as manhãs, para ninguém notar. A vizinha de baixo é uma cusca do pior, tu já a conheces. Está sempre a mandar bocas indiscretas. Ela acha que não és meu neto. Porque nunca viu filhos meus a visitar-me. Dizes-lhe apenas que eu piorei da coluna. Estou de cama e não posso aventurar-me nas escadas. E o tempo há-de passar sem dissabores. Não tenho família que procure por mim. Depois de algumas semanas, aos amigos que telefonem, contas que viajei num cruzeiro para séniores. No alto mar não há telemóvel. E a viagem há-de durar tanto tempo quanto durar a escrita do teu livro. Tens diversos documentos assinados por mim, a minha assinatura em vários suportes; e uma procuração em teu nome. E tu, cigano, sabes imitar-me bem a assinatura se for preciso, vais receber a minha reforma sem problemas, mensalmente. Não é roubar o estado. O estado é que nos rouba a todos nós, e de que maneira! Vamos só fazer do estado um agente promotor da criação cultural, que é o que ele devia ser e não é.

E quanto ao meu cadáver, a solução é fácil: a arca frigorífica é muito espaçosa. Caibo lá eu mais os bifos e as pizzas por cima. Herdei-a de uma tia que era muito carnívora. A arca funciona bem e não é ruidosa. É lá que tu vais guardar esta carcaça. Enrola-me em sacos de lixo para não veres a minha fuça congelada quando abrires a tampa. E escreve muito, escreve sempre, e até podes usar a arca como mesa de trabalho se te der inspiração.

Adeus, Cigano! Custa-me partir porque queria assistir ao teu triunfo. Mas faz como te digo e não sejas medroso. Um cigano a valer não teme as leis do estado. O melhor lucro de um avô pensionista está em não se dar por morto. Houve em Itália há uns tempos um tipo que

conservou o pai na arca durante sete anos. Era um militar aposentado. Uma boa patente. Eu não te dou tanto rendimento, mas será suficiente para te manteres nesta casa.

– Quando acabei de ler, o avô já estava morto. Limpei-lhe da cara o sangue coagulado. E fiquei ali feito parvo, a chorar, sem saber o que fazer.

Depois decidi cumprir o seu pedido. Peguei no corpo magro dele.

Foi fácil transportá-lo. Havia uma graça oriental no corpo do avô, outrora ágil. Libertei-o da roupa. Lavei-o com o carinho de uma despedida.

Como se lava um bebé.

E envolvi-o no robe azul de seda que era o seu favorito.

Nos vossos saquinhos também estão as cinzas desse robe azul.

Depois foi mais difícil. Esvaziar a arca frigorífica e colocá-lo dobrado em posição fetal.

Cobrir-lhe o rosto com um gorro de lã. Fechar a arca.

O seu caixão de gelo.

Estive sentado a velá-lo muitas horas.

E tentei começar. Falei para mim mesmo.

– Tu escondeste no gelo o avô morto para escreveres o teu livro.

– Escreve, cigano! Escreve! É isso que ele espera de ti.

Mas não consegui escrever uma linha.

Nem nesse dia nem no dia seguinte.

Nem no outro que lhe sucedeu.

Como se a presença do seu cadáver me inibisse.

A escrita ficou estéril.

O ecrã pulsava-me nos olhos.

Eu não era capaz de criar. A luz de Lisboa invadia o T1 pelas janelas do tecto.

E eu nada.

Sentava-me e as palavras não saíam.

Passei uma semana nesta angústia.

Então, abri a arca e falei para ele.

– Desculpa, avô. Eu não consigo fazer o que me pedes. Não consigo. Sou fraco demais para isso. Não sou capaz de escrever com o teu cadáver ao pé das *vienettas*. Vou telefonar para a polícia. Perdoa, meu velho! Perdoa! Não tenho a tua força. (*Telefona.*)

– Está sim? Quero informar-vos. O meu avô faleceu em casa. Passaram sete dias sobre a sua morte. Podem levar-me detido, não me importo. Mas quando fizerem a autópsia, hão-de ver que morreu de doença súbita.

Os polícias chegaram passado meia hora.

– Por que é que você fez isto? – perguntou-me um agente.

– Porque viver está pela hora da morte.

E morrer está pela hora da vida.

Estou desempregado.

Não tenho dinheiro para o funeral do meu avô.

Por isso congelei o cadáver.

Mas descobri agora que ele pagou adiantado a uma funerária.

Pagou em vida o funeral com juros antecipados.

Sentiu a máquina a gripar de vez e assegurou o crematório.

O avô era previdente.

Encontrei numa gaveta o recibo da agência.

Está aqui.

Mostrei-lhe o recibo. Algemaram-me à porta de casa. A vizinha de baixo veio espreitar, deliciada. E deu logo uso à língua.

– Eu sabia que um dia um de vocês havia de matar o velho. É o que dá meter estranhos na cama. Eu bem o avisava.

– Eu não matei o meu avô, minha senhora.

– Pois sim, ele era tanto teu avô como eu sou a tua tia da Austrália.

A autópsia confirmou o AVC mortal.

Aguardo em liberdade o julgamento.

É no fim do mês, quando sair daqui.

Depois não sei o que virá.

Ninguém o sabe.

Quis chamar-vos para ouvirem a minha história.

E celebrar a memória do avô.

Só vos peço que devolvam as cinzas dele à saída da sala.

Não há tempo para perguntas.

Obrigado.

Fim

Tema musical original da peça (que poderá ouvir-se eventualmente em gravação, de forma parcial ou integral, antes, durante, ou no final do espectáculo). A letra do fado tem duas versões à escolha, consoante os casos: se for interpretada pela voz do actor-intérprete (1ª versão); se for outra voz, que não a do actor-intérprete do «cigano», a gravar a canção (2ª versão).

Cigano de Lisboa

(1ª versão)

Cigano de Lisboa me chamaste
Serei cigano até que me apeteça
Se gastas do que gostas começaste
A ser cigano dos pés à cabeça

Cigano sou talvez por estar vadio
Cigano desta pele que vês curtida
À noite engano o dia em desafio
À morte assalto o ganho desta vida

Cigano saio à estrada de carroça
Os outros vão de carro cheios de pressa
Não dou boleia não porque não possa
Só não há é quem passe que me peça

Já tenho um tecto certo para a sorna
Junt'a'uma loja pra gente com guito
Mas a loja de luxo não entorna
Papel no bolso deste rapazito

Tu sabes que o meu fado é tão cigano
Como essa alcunha que fizeram tua
Casa não tens, emprego foi p'lo cano
Vamos, cigano, a conquistar a rua

Cigano de Lisboa

(2ª versão)

Cigano de Lisboa te chamaste
Serás cigano até que te apeteça
Se gastas do que gostas começaste
A ser cigano dos pés à cabeça

Cigano és talvez por estares vadio
Cigano dessa pele que vês curtida
À noite engana o dia em desafio
À morte assalta o ganho desta vida

Cigano sai à estrada de carroça
Os outros vão de carro cheios de pressa
Não dá boleia não porque não possa
Só não há é quem passe que lhe peça

Já tens um tecto certo para a sorna
Junt'a'uma loja pra gente com guito
Mas a loja de luxo não entorna
Papel no bolso deste rapazito

Tu sabes que o meu fado é tão cigano
Como essa alcunha que fizeram tua
Casa não tens, emprego foi p'lo cano
Vamos, cigano, a conquistar a rua

